LEITORES A CAMINHO

FORMANDO AGENTES DE LEITURA

ura - Palavra - sabedoria - conhecimento - vida - cidadania - vivência - histórias - troca

- ideias - conversa - sonho - estudo - movimento - lazer - estrada - tecnologia - alegria -

Digitalizado com CamScanner

Presidenta da República
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura - MinC
Ana de Hollanda

Ministro da Educação - MEC
Fernando Haddad

Secretário de Articulação Institucional - SAI/ MinC
João Roberto Peixe

Presidente da Fundação Biblioteca Nacional/ MinC
Galeno Amorim Junior

Secretária da Educação Básica - SEB/MEC
Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva

Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/ MEC
Cláudia Pereira Dutra

Diretor de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas - DLLLB/ FBN/MinC
Fabiano dos Santos Piúba

Secretária Executiva do Plano Nacional de Livro e Leitura - PNLL
Maria Antonieta Cunha

Diretoria de Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas - DLLLB
Diretor
Fabiano dos Santos Piúba

Coordenadora Geral do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
Elisa Machado

Coordenadora Geral de Literatura
Guiomar de Grammont

Coordenadores
Ana Lucia Castro
Cauê Maia Baptista

Agentes Administrativos MinC
Andrey do Amaral
Tatiana Almeida

Consultores do PNLL
Ana Dourado - Cadeia Mediadora da Leitura e Análise de Políticas Públicas
Fernando Braga - Agentes de Leitura
Luciana do Vale - Implementação das Diretrizes do PNLL
Robson Dantas - Sistema de Informações
Rosália Guedes - Planos Municipais e Estaduais de Livro e Leitura
Valéria Labrea - Cadeia Criativa do Livro

Digitalizado com CamScanner

Sumário

DEDICATÓRIA 7

LEITURA EM 3 ATOS

AGENTES DE LEITURA:
Inclusão social e cidadania cultural 11
Fabiano dos Santos Piúba

VIDA QUE TE QUERO LER... 25
Eliana Yunes

LEITURA É UMA TECNOLOGIA 45
Affonso Romano de Sant'Anna

[1] MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIDADANIA: 57
Tempos, travessia da gente
Benita Prieto, Francisco Gregório Filho, José Mauro Brant

[2] ORALIDADE E CULTURAS POPULARES: 73
Pão ou pães é questão de opiniães
Ana Cretton, Augusto Pessôa e Maria Clara Cavalcanti

[3] PRÁTICAS LEITORAS: 89
A vida também é para ser lida
Érico Braga Barbosa Lima

[4] DINÂMICAS DE ATUAÇÃO: 111
Colheita comum, capinar sozinho
Maria Helena Ribeiro

[5] DINAMIZAÇÃO DE ACERVOS: 131
Tudo que já foi é o começo do que vai vir
Nanci Gonçalves da Nóbrega

[6] EXERCÍCIOS DE LEITURA: 145
Felicidade se acha em horinhas de descuido
Maria Helena Martins

[7] LEITURAS DE IMAGENS: 155
A cabeça é uma só, as coisas são demais de muitas
Luiz Antonio Luzio Coelho e Oswaldo Lopes Jr.

[8] AS ESCRITAS DO AGENTE: 173
Um sentir é do sentente; outro é do sentidor
Eduardo Loureiro Jr.

Os subtítulos dos capítulos foram inspirados na obra de Guimarães Rosa.

Digitalizado com CamScanner

As palavras da memória

Como humanos, estamos em permanente luta pela conquista da plenitude, aprendendo e construindo relações com nós mesmos, com o outro — com os outros — com o entorno, o ambiente e todos os demais seres vivos. Assim, produzimos memória.

> Em sua gênese etimológica a palavra memória tem em sua formação a raiz *men-*, presente na própria palavra *mens*, mente, e também em outras, como demente, comentar etc.
> No latim esta forma radical *men-* denota a noção geral de "pensar" e designava, em oposição a *corpus* (corpo), o princípio pensante, a atividade de pensar, a inteligência, enfim o pensamento.
> Dessa mesma raiz o latim compôs diferentes formas verbais e nominais, como o adjetivo *memor*, *-oris*, que significa tanto memória "aquele que se lembra de algo" ou "aquele que se faz lembrado" ou ainda "aquele que faz lembrar". Desse adjetivo, com acréscimo de sufixo *-ia* surgiu memória *-ae*, que significa tanto memória quanto lembrança. Assim, memória, por sua relação com a mente, designa simultaneamente um processo de pensamento e o lugar/celeiro em que se armazenam as lembranças/memórias; em outras palavras, o conjunto de conhecimentos que caracteriza tanto um indivíduo (através de sua história pessoal) quanto um grupo social (uma nação, uma tribo, por sua cultura e tradição). (SUTTER, 2002)

Construímos nossos repertórios, nossos acervos — o ser e suas circunstâncias. No enfrentamento a essas circunstâncias lembramos e esquecemos o que sabemos e o que precisamos saber e conhecer.

Essas lembranças guardadas no inconsciente — em prontidão — são armazenadas em nós de maneira que possamos acordá-las, reativá-las a partir de percepções aguçadas por diversos canais sensoriais. Para isso basta vermos, por exemplo, uma imagem, uma atitude, um gesto ou mesmo ouvirmos uma história contada por outro protagonista, alguém que tenha outro modo de registrar, documentar e preservar.

Essas narrativas humanas estão nas vozes e nas letras escritas nos livros, e em outros materiais de leitura, por mulheres e homens que perceberam que desse modo guardariam suas experiências e melhor se conectariam com o mundo. Mundos parecidos com os nossos e mundos diferentes também.

De dentro de uma floresta vemos o mundo lá fora diverso. Percebemos que a floresta difere

Digitalizado com CamScanner

do serrado, do sertão, das montanhas e serras, das orlas marítimas de nossa região, país ou continente.

Nossas impressões se revelam no que fazemos, pensamos e dizemos. Podemos pensar, imaginar e falar sobre, fazer sobre, escrever sobre, e então produzimos maneiras de ler. Bem assim, no plural. De diversos pontos de vista. Exercitamos nossas escolhas e discernimos.

> Se *legere* era colher e armazenar, *legere* no sentido de ler também implica o ato de colher e armazenar. Mas colher o quê? E armazenar onde? Poderíamos dizer que aqui o ato de colher é o ato de colher conhecimentos que são armazenados na memória, o grande celeiro dos nutrientes da vida pessoal e da história coletiva de uma sociedade? Para nós é justamente isto que o ato de ler significa. Um ato de certa forma mágico e revestido de uma certa sacralidade, ainda que profana: a privacidade do quarto, o momento único e solitário da interiorização, processada, contudo, através de uma exteriorização, operada pela leitura de outras realidades, de viagens a outras culturas, a outros continentes/conteúdos. (SUTTER, 2002, p. 30)

De onde falamos e para quem? De onde ouvimos e de quem? E vamos guardando para pronunciar, narrar para outro os modos como lemos, entendemos e interpretamos. Diante do que sabemos, desejamos o desconhecido. Agregamos com a razão o que podemos experienciar com emoções e ordenar como vivência. Por isso gostamos de ler, ouvir, saber — de ter notícias de nós mesmos, dos conhecidos, dos outros e dos demais para tomar ciência do que podemos lembrar e do que precisamos. E claro, do que conseguimos esquecer e não devíamos e do que queremos esquecer e não conseguimos.

É desse acervo que vamos construindo o saber, junto ao que herdamos e ao que trazemos conosco, produzido por nossos ancestrais. Produzimos memória do presente para o passado, apontando para o futuro. Então, seguimos revelando narrativas impregnadas de informações de como nos constituímos.

A prática do ouvir e contar histórias nos ajuda a entender esse processo e nos declara leitores. Precisados de muita leitura. Nosso entorno e os entornos dos outros. Podemos nos saber singulares, autorais e ensaiando algo inaugural. Pode ser? Não há em nós e em lugar algum uma história única. Diversas são as vozes.

Uma história acorda outra. Uma voz pode convidar outra ao diálogo, ao entendimento, a produzir boas expectativas e organizar-se para a crítica, para a criatividade, para a participação, qualificando o exercício de ser cidadão.

Eu, índio, negro, branco, vermelho, amarelo, queimado e misturado, posso melhor estar com os meus e com os outros se houver uma mistura próspera de sentimentos e quali-

Digitalizado com CamScanner

dade de vida em sociedade. Disso saberei lendo, escrevendo e contando, expressando com voz, corpo e emoção, com meus companheiros e os próximos que virão depois de mim, as futuras gerações. Na diversidade cultural, incluindo-me também como protagonista. Contador de histórias, de minhas memórias pessoais e sociais. Contando, de preferência, em minha língua, com meus sotaques, mas ainda em outras línguas, quando necessário e com arte. Pensador, fazedor e narrador. Leitor.

> Assim como a memória é viva, as línguas também são; são organismos vivos que interagem. Que lutam, conflitam, que se sobrepõem uns aos outros e que se exterminam. Como línguas vivas, o inglês, o português, o francês, as línguas asiáticas sobreviveram e hoje são escritas, estão na mídia, nos meios de comunicação. Elas engoliram as outras. Quanto à língua do meu povo, se conseguirmos manter algum registro dela além do oral, vai servir só para o trabalho de algum pesquisador, mas para minha família e o meu povo, ela é a possibilidade de nós continuarmos sendo nós mesmos num mundo cheio de diversidades, sobretudo culturais. Se essas línguas tivessem sido preservadas, certamente estaríamos num planeta mais rico e muito mais generoso, pois atestariam o direito de um povo existir falando sua própria língua. (KRENAK, 2006)

Só a língua portuguesa, falada em diversos países, além de Brasil e Portugal, registra mais de 600 mil palavras, com suas origens e significados, publicadas em dicionários que circulam por aí nas bibliotecas. Cada palavra guarda sentidos produzidos pelas vivências de mulheres e homens. E quanto de memória não se aninha nessas palavras, e tanto quanto é possível para o imaginário dos contadores de histórias que as expressam com a voz, com a escrita e com as imagens! Ao mesmo tempo, soma-se isso ao imenso e rico vocabulário e sons de aproximadamente duzentas línguas faladas e registradas de nossos parentes indígenas e ainda aos dialetos das comunidades remanescentes dos quilombos e, claro, também ao repertório e aos acervos das línguas estrangeiras que nos chegam, a todo momento, por meio da internet, de novas tecnologias e mesmo das trocas interpessoais. Certamente, descobriremos o maravilhamento de mundos que estão guardados e vivos para ser sacados a qualquer instante e realimentados com mais sentidos e significados e, por conseguinte, com intensa memória. Memórias pessoais, coletivas e sociais.

> Eu conto porque creio nas palavras. Creio na sua amorosa substância. Creio que, como os gestos — e é ela outra coisa mais ou menos do que um gesto? —, a minha fala cria laços. Eu, que me dou quando confesso minha vida, uma fração silenciada antes dela, enlaço o

Digitalizado com CamScanner

outro. Trago-o para mim. Não apenas eu nunca mais serei o mesmo, porque narrei a ele, mas ele também. Ele nunca mais será o mesmo (...). Agora somos. (BRANDÃO, 1998)

Digitalizado com CamScanner

Leitores a caminho

Formando Agentes de Leitura

Organização
Eliana Yunes

Rio de Janeiro
Editora PUC-Rio
2011

Digitalizado com CamScanner